

Design para a sustentabilidade: O tecido social em processo de re-singularização

Paula Carmona Pereira, Jorge Lucio de Campos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

A partir de revisões de alguns conceitos como *re-singularização* e *design para a sustentabilidade*, assinados por Félix Guattari e Ezio Manzini, o presente artigo pretende chamar a atenção – tendo como referência um caso de inovação social com foco na sustentabilidade – para o design enquanto gerador, organizador e comunicador de visões de mundo mais sustentáveis. Embora deparado a tamanhas incertezas, percebe-se que o designer, por meio dos aprimoramentos tecnológicos, está capacitado a fazer jus à sua importante missão ética – melhorar a qualidade do mundo – praticando o aspecto multidisciplinar de seu ofício.

Abstract

By revising certain concepts such as resingularization and design for sustainability, related to Félix Guattari and Ezio Manzini, this paper aims to lay emphasis – presenting as a reference one social innovation case within a sustainability focus – to design as creator, organizer and communicator of more sustainable world's visions. Even though faced to so many uncertainties, it's possible to imagine the designer, throughout the tec-

nological enhancements, capacited to head his important ethic mission – turn better the quality of the world – by practicing his labor's multidisciplinary attributes.

1

A transição do nosso atual modelo de vida para um outro mais sustentável depende de vários fatores – redirecionamentos políticos, institucionais, econômicos, social, etc. – que possam desacelerar, com eficiência, a deterioração do meio ambiente. É inegável que as preocupações que estão vindo à tona e causando alarde têm muito a ver com isso. No entanto, se o problema for abordado e tratado sob um único ponto de vista, qualquer solução revelar-se-á insuficiente para dar conta de um quadro de ocorrências graves ao qual todos os seres vivos se encontram expostos e que exige, em função de sua complexidade, uma consideração acurada. Segundo Ezio Manzini, a transição rumo à sustentabilidade¹ é um processo

¹O termo se refere a uma mudança sistêmica do atual modelo produtivo e de consumo que busca o equilíbrio entre os fatores ambientais, sociais e econômicos, de modo a garantir a permanência presente e futura dos recursos do planeta.

de aprendizagem a que seremos, gradualmente, submetidos e que consiste em viver melhor consumindo menos e regenerando a qualidade do ecossistema global e dos contextos locais em que estamos inseridos (MANZINI:2008, p. 27). O designer e arquiteto italiano sugere uma transformação de nosso conceito de bem-estar, baseada menos na prática da posse do que na do compartilhamento. Tal processo implicaria em dar um outro sentido às questões individuais e coletivas, de modo a poderem se complementar dentro de um novo engajamento cósmico-social, ou seja, a criar novas relações entre a interioridade e a exterioridade.

O antigo sistema de criação de demanda que, há décadas, vem saturando os recursos da natureza, consolidou os modelos, em vigência, de consumo e produção, de um modo geral, desprovidos de transparência para com o consumidor-cliente. Em contrapartida a essa situação, começaram a surgir, nos últimos anos, casos de inovação social que representam iniciativas cujas atitudes se baseiam numa ruptura com essa lógica imperativa, a saber, de descontinuidades locais (MANZINI:2008, p. 61), presentes em contextos de transformação rápida, com um alto índice de conectividade e tolerância (MANZINI:2008, p. 74). Tal fenômeno derivaria do grau de complexidade atingido por nossa sociedade com seus avanços tecnológicos e desequilíbrios sócio-econômicos e ambientais sem precedentes. Contudo nenhum deles seria viável se as sociedades das quais provêm não dispusessem de alguma familiaridade com o saber fazer tecnocientífico.

Os desafios com os quais se depara o design que busca contribuir para a sustentabilidade do planeta, se ancoram, fundamental-

mente, na geração, na organização e na comunicação de visões de mundo mais sustentáveis (MANZINI:2008, p. 28). Para tanto seria impraticável alcançar tais metas sem o auxílio de certas tecnologias que vêm sendo, aos poucos, incorporadas às sociedades. A internet, por exemplo, se mostra uma ferramenta imprescindível num processo como esse, que envolve, a partir do surgimento das iniciativas de *inovação social*, a consolidação, a propagação e a evolução da informação para modelos futuros de conformação do tecido social. Para que tais iniciativas se estabeleçam num contexto onde seus participantes têm diferentes ocupações e, por conseguinte, um tempo disponível restrito, suas gestões vêm, basicamente, se desenvolvendo em *sites* e *blogs* através dos quais as discussões e as tomadas grupais de decisão ganham estrutura. Tornar essas ferramentas mais eficazes, facilitando seus interfaceamentos para um melhor uso, é uma das atividades que envolvem, diretamente, o designer cuja participação, sobretudo em projetos de sistemas de logística (embalagem, distribuição, etc.) cuja efetividade depende de capacidades projetivas específicas, se tornou-se mais do que essencial.

Por outro lado, será preciso também enfatizar a importância da tecnologia como o principal instrumento do design para apoiar modos de viver mais sustentáveis, através da revisão e comparação de conceitos como *resingularização*² processo de produção de subjetividade individual e coletiva cuja finalidade de reinvenção de contextos deriva de criatividade intrínseca aos indivíduos e/ou grupos de indivíduos e é resultante de aplicações ecosólicas. e *design para a sus-*

²P

tentabilidade,³ assinados, respectivamente, pelo psicanalista e pensador francês Félix Guattari (1930-92) e pelo próprio Manzini, assim como relacionar os conceitos de *inovação social* e de *comunidades criativas*⁴ com o de *ecosofia*,⁵ ecologia” (“casa” + “estudo”) e “filosofia” (“amizade” + “sabedoria”). Para Guattari, uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos – o meio ambiente, as relações sociais (sociedade) e a subjetividade humana (indivíduo) – como um meio de abordagem das problemáticas, operando em vias não hierárquicas. identificando a *inovação social com foco na sustentabilidade*⁶ como uma potencial solução para a *re-singularização* do socius.

Presume-se que a importância da implementação de pesquisas cujo tema central seja

³ Ação proposta através de habilidades específicas do design que consistiriam, basicamente, em gerar, organizar e comunicar novas visões de mundo para públicos suficientemente amplos (MANZINI:2008, p. 28), a partir de iniciativas que apresentam princípios coerentes com a sustentabilidade.

⁴ Segundo Manzini, pessoas que, de forma colaborativa, inventam, aprimorariam e gerenciariam soluções inovadoras para novos modos de vida, a partir da recombinação de elementos existentes, considerando que a capacidade de reorganizar estes elementos em novas e significativas combinações seria uma das possíveis definições de criatividade (MANZINI:2008, p. 64).

⁵ Neologismo formado a partir das palavras “

⁶ Iniciativa relacionada a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas cotidianos ou para criar oportunidades. Tais inovações seriam guiadas antes por mudanças de comportamento do que por mudanças tecnológicas ou de mercado, geralmente emergindo através de processos organizacionais “de baixo para cima”, em vez daqueles “de cima para baixo” (MANZINI:2008, p. 61), operando numa perspectiva que agregaria valores econômicos, sociais e ambientais.

a sustentabilidade reside, sobretudo, na possibilidade de aproximar as experimentações espontâneas e as práticas cotidianas do meio científico. Dessa forma, hipóteses de modelos sustentáveis diminuiriam seu caráter especulativo e utópico, para se tornarem, como propõe ainda Manzini, protótipos de modos de viver mais conectados com a realidade dos recursos que, de fato, dispomos.

2

Em *As três ecologias* (1990), Guattari propõe a *ecosofia* como um “instrumento” de abordagem multidisciplinar para a consecução do que chama de *re-singularização*, ou seja, somente a partir de ações que consistam em abranger os domínios individuais, sociais e físicos (ambiente), seria possível promover transformações estruturais na sociedade, sem deixar-se envolver pelos padrões impostos por poderes manipuladores.

se não se trata mais – como nos períodos anteriores de luta de classe ou de defesa da *pátria do socialismo* – de fazer funcionar uma ideologia de maneira unívoca, é concebível, em compensação, que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. – trata-se, cada vez mais, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma *re-singularização* individual e/ou

coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI:1990, p. 15)

Já Manzini, em seu artigo “Design para a inovação social e sustentabilidade”, aponta as *inovações sociais* como realidades possíveis, surgidas, espontaneamente, dentro de determinados núcleos sociais, para mudar o rumo de acontecimentos que tenderiam a conduzir o planeta a fins catastróficos. Ele vê o fenômeno como um protótipo de trabalho para modos de vida mais sustentáveis (2008:73), gerados por indivíduos “criativos”, uma resposta às questões que estes consideram relevantes em seu cotidiano, cujas soluções convencionais apresentadas não se sintonizariam com os valores individuais e coletivos de cada grupo, principalmente do ponto de vista da sustentabilidade.

(...) embora apresentem características e modos de operar diversos, esses casos de inovação social possuem um significativo denominador comum: são sempre a expressão de mudanças radicais na escala local. Em outras palavras, representam descontinuidades em seus contextos por desafiar os modos tradicionais de fazer, introduzindo outros, muito diferentes e intrinsecamente mais sustentáveis... Mais precisamente, são iniciativas que possuem uma capacidade inaudita de articular interesses individuais com interesses sociais e ambientais, que em busca por soluções concretas, reforçam o tecido social (MANZINI:2008, p. 63).

Guattari apresenta sua crítica ao tratar de temas como tecnologia e mídia, sem contudo, deixar um resquício de esperança, possivelmente baseado num outro tipo de encaminhamento diverso daquele que tem se consolidado como uma tendência, um encaminhamento *ecosófico*.

O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto das aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico. Em função do contínuo desenvolvimento do trabalho maquinico redobrado pela revolução informática, as forças produtivas vão tornar disponível uma quantidade cada vez maior do tempo de atividade humana potencial. Mas com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da re-invenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade? (GUATTARI:1990, p. 8)

É importante observar as possíveis ações que o design pode engendrar nos casos em que grupos sociais inventam novas respostas para resolverem seus problemas corriqueiros, não se resumindo a soluções pensadas, isoladamente, mas encadeadas num sistema lógico (e razoavelmente complexo) que consistiria em reenquadrar uma problemática mediante a sugestão de formas sustentáveis de abordá-las e propagá-las.

(...) para os designers,..., a possibilidade de ação recai na sua capacidade de dar uma orientação estratégica às próprias atividades (...) o que implica numa considerável habilidade de design: habilidade de gerar visões de um sistema sociotécnico sustentável, organizá-las num

sistema coerente de produtos e serviços regenerativos, as soluções sustentáveis, e comunicar tais visões e sistemas, adequadamente, para que sejam reconhecidos e avaliados por um público suficientemente amplo, capaz de aplicá-las efetivamente (MANZINI:2008, p. 28).

Embora direcionadas para objetivos que promovem o modelo vigente cujo esgotamento se mostra evidente, a presença de novos recursos tecnológicos será imprescindível no processo de transição para a sustentabilidade. Além, das qualidades relacionais, que são precondições para a sua existência, a possibilidade de as *comunidades criativas* se multiplicarem ao longo do tecido social estão, diretamente, ligadas à sua disponibilização. Manzini (2008:93), através do conceito de *localismo cosmopolita*, se pronunciará também sobre o fato das sociedades contemporâneas estarem conformadas em “redes”. Trata-se de um cenário com um potencial de conectividade sem precedentes, particularmente propício para que organizações colaborativas, pequenas e interconectadas, possam se desenvolver a ponto de se tornarem um autêntico referencial para as novas configurações sociais distribuídas pela superfície afora.

(...) uma sociedade onde muitas idéias tradicionais estão sendo questionadas, até mesmo a idéia do que é pequeno ou grande. De fato, nas redes, o pequeno não é mais necessariamente pequeno, dado que o impacto de um evento não está necessariamente ligado a suas dimensões físicas, mas à qualidade e quantidade de suas conexões (MANZINI:2008, p. 93).

Ao considerarmos os casos de inovação social, torna-se natural estabelecer uma relação entre eles e os princípios ecosóficos. A questão da reinvenção está inerente nos processos de instauração dos seus três registros ecológicos. Reinventar-se, reinventar a sociedade e, reinventar, no sentido de regenerar, o meio ambiente, faz parte da cadeia de soluções sugeridas, cada um ao seu modo, pelos dois autores. Tanto na globalização, caracterizada pela abertura indiscriminada de mercados, quanto nos exemplos de inovação, a tecnologia desempenha um papel crucial para a disseminação desses modelos intrinsecamente antagônicos, não custando lembrar que o que pode, efetivamente, fazer da tecnologia algo bom ou ruim é a qualidade do encaminhamento a ela dado.

1 Referências bibliográficas

- COLLINGWOOD, R. G. *Ciência e filosofia*. Lisboa: Presença, 1945.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- KAZAZIAN, T. *Haverá a idade das coisas leves. Design e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: SENAC, 2005.
- KUHN, T. S., *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MANO, E. B., PACHECO, E. B. V. e BONELLI, C. M. C. *Meio ambiente, poluição e reciclagem*. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

MANZINI, E. “A cosmopolitan localism: Prospects for a sustainable local development and the possible role of design”. *Dis-Indaco*, Politecnico di Milano, 2005.

MANZINI, E. “Design para a inovação social e sustentabilidade”. *CADERNOS DO GRUPO DE ALTOS ESTUDOS*, Programa de Engenharia de Produção da Coppe/UFRJ, Rio de Janeiro, vol. I, 2008.

MANZINI, E. *O desenvolvimento de produtos sustentáveis*. São Paulo: EDUSP, 2002.

McDONOUGH, W. e BRAUNGART, M. *Cradle to cradle, remaking the way we make things*. New York: North Point Press, 2002.

MERONI, A. (org.) *Creative communities*. Milano: Polidesign, 2007.

PACKARD, V., *Estratégia do desperdício*. São Paulo: IBRASA, 1965.

SACHS, I., *Desenvolvimento incluyente, sustentável sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SCHUMACHER, E. F. *O negócio é ser pequeno (Small is beautiful)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.